

A ESCRITA CRIATIVA E SUA FUNÇÃO ENQUANTO BORDA PARA O PSQUIISMO

**Alexandre Benini de Oliveira, Danielle da Silva Ferreira,
Luiza Fernandes de Paiva Bruce, Lauro Take Tomo Veloso**

¹Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, alexandrebenini04@gmail.com, danielle_silvaferreira@outlook.com, luiza.fpb4@gmail.com, lauro.taketomo@univap.br

Resumo

Este estudo explora a escrita criativa como recurso terapêutico no tratamento de pacientes presentes na estrutura da psicose. Fundamenta-o uma revisão de literatura psicanalítica. A pesquisa analisa como a escrita pode auxiliar na organização dos pensamentos e na construção de significados para experiências de pessoas constituídas na psicose, alinhando-se às teorias de Freud e Lacan. Além disso, a pesquisa destaca a importância de criar um espaço, no qual o sujeito possa elaborar suas angústias e dar sentido ao que transborda do Real. A escrita é apresentada como um recurso para a contenção dos delírios, oferecendo uma abordagem que contribui para a promoção da saúde mental e do bem-estar dos pacientes.

Palavras-chave: Psicanálise, Psicose, Escrita Criativa, Arteterapia.

Área do Conhecimento: Ciências humanas/Psicologia

Introdução

A psicoterapia psicanalítica, que se fundamenta na teoria da psicanálise proposta por Sigmund Freud (1856-1939), desafiou o suposto conhecimento que o homem tinha a respeito de si, confrontando o saber médico. Em 1923, no texto "Psicanálise e Teoria da Libido", Freud (1923) define a psicanálise como um procedimento para investigar os processos mentais, um método de tratamento e uma disciplina científica. Nesse contexto, o psicoterapeuta trabalha com os princípios e leis que regem a compreensão sobre inconsciente dinâmico, abordando questões que vão além do conhecimento consciente e revelam a complexidade do funcionamento psíquico (Zimerman, 2007).

O foco desta pesquisa reside no estudo da clínica da psicose dentro da perspectiva psicanalítica. Sigmund Freud observou que uma única técnica não era eficaz para todos os pacientes, identificando a necessidade de manejos diferenciados para diferentes "perfis" clínicos, compreendidos na psicanálise como estruturas: neurose, psicose e perversão. Freud explora as distinções entre neurose e psicose, assim como seus mecanismos específicos, em obras como "Neurose e psicose" (1923-1924/1996) e "A perda da realidade na neurose e na psicose" (1927/1996) (Rochel, 2018).

A clínica da psicose, sob a perspectiva da teoria psicanalítica, é um conceito explorado desde as obras de Freud, que posteriormente permitiram a colaboração de Jacques Lacan e outros autores. Diferente de Freud, que descreveu o campo das psicoses como clinicamente estéril, Lacan sempre se interessou pelo tema, produzindo teorias sobre o manejo clínico dessa estrutura. A leitura de obras como "O seminário, livro: As psicoses" (1955-1956/1981) e "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose" (1958-1955/1998) é fundamental para a compreensão do tema (Santos; Oliveira, 2012).

Lacan, em seus estudos, postulou sobre a articulação da psicose, distinguindo-a como uma estrutura do sujeito com características específicas nas relações com o real, o simbólico e o imaginário (Quinet, 1951/2011). Ele destacou que a ausência ou a presença do significante "Nome-do-Pai" é fundamental para a organização subjetiva do sujeito. O "Nome-do-Pai", um conceito central na psicanálise de Lacan, introduz a lei e a ordem na vida psíquica, regulando os desejos e limitando a onipotência. Sua ausência como mediador simbólico constitui a estrutura clínica da psicose, resultando em um vazio na realidade, onde delírios, vozes e alucinações são respostas do sujeito ao que não pôde ser simbolizado, retornando no real (Santos; Oliveira, 2012).

Segundo Lacan (1901-1981/2005), o simbólico refere-se à ordem de linguagem, dos símbolos e dos significados compartilhados pela sociedade. É o domínio onde os conceitos e significados são construídos através da interação social e da linguagem simbólica; o Real representa aquilo que não pode ser simbolizado ou articulado pela linguagem, sendo do domínio do inconsciente, dos traumas

não resolvidos e das experiências que estão para além da capacidade simbólica de compreensão; e o Imaginário diz do mundo das imagens, das fantasias e das identificações, onde o sujeito se constitui através de identificações com imagens idealizadas de si mesmo e dos outros.

Este trabalho propõe explorar a arte, em especial a escrita, como uma ferramenta terapêutica na clínica da psicose. Schreber (1995) ilustra como a escrita pode ser uma estratégia para organizar o delírio, uma das muitas formas de lidar com a desestruturação psíquica (Aires, 2007).

Tania Rivera (2005) observa que a psicanálise sempre teve uma relação próxima com a arte, desde as citações e análises de Freud sobre seu uso. Artistas como Louise Bourgeois e Lygia Clark também discutem a correlação entre arte e psicanálise, destacando o benefício terapêutico da arte. Na psicologia, a arte é uma das diversas técnicas utilizadas para acessar o mundo interno do paciente, sendo o recurso principal explorado neste estudo. Embora a literatura trate da relação entre arte e psicanálise, faltam estudos de caso sobre a escrita como ferramenta terapêutica na psicose e a posição do analista frente às obras. Esta pesquisa é importante para desenvolver diferentes manejos técnicos relacionado a escrita como arte, especialmente em um contexto atual onde a arte é amplamente discutida. Reconhecer a escrita como apoio no tratamento da saúde mental é essencial, pois reflete a expressão humana e ajuda a lidar com o que transborda.

Metodologia

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, onde se utiliza um método de investigação que envolve a busca e análise de materiais publicados sobre um determinado tema. O objetivo é reunir e examinar as obras relevantes, como livros, artigos, teses e outros documentos, para obter uma compreensão aprofundada do estado atual do conhecimento sobre o assunto. Tem como intuito elucidar possibilidades e cenários frente ao tratamento, com uso da escrita enquanto arte, além do uso de outras formas artísticas, em quadros de psicose, com o objetivo de adquirir certa familiaridade sobre o assunto, sendo também uma pesquisa documental e qualitativa, que visa estudar os aspectos da subjetividade humana.

O estudo também buscará estudar obras clássicas da psicanálise e artigos publicados que tratem de temas relacionados a conhecimento teórico na psicanálise sobre a psicose, a arte como recurso no trabalho terapêutico, a clínica das psicoses e a possível relação entre arte e psicose. A pesquisa terá como descritores: psicanálise, arteterapia, clínica das psicoses e psicose. Os sites utilizados na busca dos dados para a pesquisa são: scielo.br, google acadêmico, lotuspsicanalise.com.br e academia.edu.

Resultados e Discussão

Sigmund Freud, em suas obras sobre psicose, definiu as estruturas clínicas da neurose e psicose e suas diferenças. Freud identificou que, ao contrário da neurose, onde o recalco se manifesta através de sintomas corporais ou obsessivos, na psicose, ele retorna como alucinações e delírios, rompendo com a realidade (Freud, 1896/1996; Santos; Oliveira, 2012). Em seu estudo do caso de Schreber (1995), Freud argumentou que a paranoia é uma tentativa de cura ou solução, com delírios representando uma defesa contra desejos inaceitáveis (Guerra, 2010). Posteriormente, Freud aprofundou sua teoria diferenciando as estruturas psíquicas e destacando a função dos mecanismos de defesa, como o recalco na neurose e a rejeição na psicose (Freud, 1924/1996; Rochel, 2018).

A análise das obras de Freud revela a complexidade das estruturas clínicas da neurose e psicose, e como essas condições afetam a representação e a realidade do sujeito. Freud desenvolveu uma teoria robusta para a psicose, destacando a importância dos mecanismos de defesa e a natureza do recalco (Freud, 1911/1996; 1924/1996). Lacan ampliou essa compreensão ao enfatizar a falha na metáfora paterna e a ordem simbólica, oferecendo uma perspectiva atualizada sobre a psicose (Quinet, 2011).

Cada estrutura clínica foi inicialmente definida pelo destino do afeto, sendo que na histeria, esse afeto somático resulta em sintomas conversivos, enquanto na psicose, a alucinação é uma defesa bem radical, rejeitando totalmente a representação irreconciliável e seu afeto, diferente do recalco nas neuroses (Freud, 1894/1996; Santos; Oliveira, 2012). O significado de afeto neste contexto seria uma quantidade de energia ligada às representações mentais, como pensamentos e lembranças. Quando uma representação é incompatível com o consciente, ela é recalcoada no inconsciente (Freud, 1894/1996).

O sujeito constituído na psicose age como se a representação nunca tivesse ocorrido, desligando-se do mundo real. Segundo o autor, as alucinações vivenciadas pelos pacientes na estrutura da psicose seriam “partes do conteúdo de suas experiências infantis recalçadas, ou seja, sintomas do retorno do recalçado” (Freud, 1896/1996). Diferente da histeria e da neurose obsessiva, onde o recalçado se manifesta como sintomas no corpo ou ideias obsessivas, na psicose, retorna como vozes alucinadas, rompendo com a realidade, em que o mecanismo de projeção rejeita as autocensuras (Santos; Oliveira, 2012).

Posteriormente, em suas obras "O Ego e o Id" (1923/1996) e "Neurose e Psicose" (1924/1996), Freud dissertou sobre a estrutura da mente e como o Eu lida com a realidade externa, e aprofundou as diferenças entre as condições na neurose e psicose, destacando a relação com os mecanismos de defesa. Ele apresenta a neurose e psicose a partir de uma nova apresentação do aparelho psíquico, composta pôr em três instâncias: o Isso, o Eu e o Supereu (Rochel, 2018; Guerra, 2010). Nestas duas estruturas psíquicas, os mecanismos psíquicos subjacentes são diferentes, ocasionando em resultados psíquicos, sendo na neurose a fantasia e na psicose o delírio.

Freud (1924/1996) disserta sobre a manifestação do Complexo de Édipo de forma distinta nas duas estruturas. Identificado como um trauma no desenvolvimento infantil, em que ocorre a separação do primeiro objeto de amor (a figura materna), através da castração simbólica do rival, a figura paterna (Freud, 1924/1996).

Na neurose, a criança enfrenta o Complexo de Édipo com uma consciência conflitante, levando a um recalçamento dos desejos edipianos e à formação de sintomas, como uma tentativa de lidar com o conflito entre os desejos inconscientes e as normas internalizadas, resultando em manifestações como fobias e obsessões. Na psicose, o complexo edipiano pode se manifestar de forma distorcida, refletindo a ruptura com a realidade e a desestruturação do eu (Freud, 1924/1996). Segundo Freud, em sua obra: “a neurose não recusa a realidade, apenas não quer saber nada sobre ela; a psicose a recusa e procura substituí-la”. (Freud, 1924/1996, p. 282).

Todas as estruturas clínicas sofrem diante do fracasso do Eu em conciliar as exigências advindas da pulsão e as da civilização, similares às frustrações vivenciadas e que marcaram a vida na infância. Diante disso, o Eu não é mais senhor e dono da sua própria casa, e se esforça utilizando sua energia para atender as demandas, vontades do Isso e do Supereu (Santos; Oliveira, 2012).

Lacan, que pontua, traz releituras e análises dos textos de Freud, terá um importante papel nos estudos sobre a psicose, contribuindo para que esta área na Psicanálise fosse aprofundada. Quinet (2011) fala sobre como ele aperfeiçoou os conceitos de Freud. O autor descreve que Lacan indicará que é a partir da ordem simbólica que deve ser pensada a psicose, levando em consideração a estrutura da linguagem, em que o Édipo se faz como armadura significativa mínima para poder condicionar a entrada da pessoa no mundo simbólico.

Em sua obra, Lacan (1999), discute a relevância da relação do sujeito com a figura paterna no desenvolvimento de sua identidade e personalidade. Lacan pontua que para o desenvolvimento do Supereu e da lei simbólica a relação com o pai é crucial, sendo fundamental para o desenvolvimento do funcionamento psíquico saudável do indivíduo.

O inconsciente é estruturado como linguagem e para que a pessoa possa conceder significação aos significantes é necessária a entrada no simbólico. Lacan afirma que o Outro, que constitui lugar de significante, é prévio e assim que o símbolo advém se apresenta um universo simbólico e construindo essa armadura da estrutura, por mediação do Édipo (Quinet, 2011). Deste ponto poderá construir como se formará a clínica das psicoses. É a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do outro e a falha da metáfora paterna que serão essenciais para a leitura de um quadro de psicose.

A revisão de literatura também revelou a aplicação da arte como recurso terapêutico para pacientes constituídos na psicose. Segundo Oliveira (2006), a arte permite ao sujeito expressar experiências internas complexas e desenvolver novos significantes. A prática artística pode atuar na redução de estresse, expressão emocional, auto entendimento e empoderamento. A escrita, por sua vez, é destacada como um recurso para externalizar e trabalhar o inconsciente, especialmente em contextos pós-trauma (Seligmann-Silva, 2002). Observou-se, através de oficinas literárias, que pacientes com psicose frequentemente utilizam a escrita para lidar com seu sofrimento e redistribuir a libido, como indicado no estudo de Freitas e Bastos (2019).

A aplicação da arte e da escrita na clínica da psicose demonstra que esses métodos podem fornecer aos pacientes novas formas de expressar e entender suas experiências. A arte facilita a externalização de conteúdos psíquicos complexos, enquanto a escrita oferece uma borda para o inconsciente,

permitindo a elaboração e o tratamento de experiências traumáticas e delirantes (Seligmann-Silva, 2002; Freitas; Bastos, 2019). Os resultados das oficinas literárias indicam que essas práticas não apenas auxiliam na expressão e alívio dos sintomas, mas também promovem um senso de pertencimento e realização (Oliveira, 2006; Borges, 2008).

Como colocado por Oliveira (2006), dentro da linha lacaniana, a arte será compreendida como um meio para a expressão simbólica, permitindo ao sujeito lidar com as complexas experiências internas, que muitas vezes serão inacessíveis quando for utilizada apenas a linguagem verbal direta.

Assim, Lacan (1955-1956) explorou a relação entre a linguagem, o simbólico e o imaginário em seu trabalho "O seminário, livro 3: as psicoses." (1955-1956) e a arte pode ser vista como um lugar onde esses elementos se misturam de maneira singular, fornecendo ao psicanalista um meio para alcançar os aspectos profundos da psique de pacientes na estrutura da psicose, diante da grande dificuldade desses sujeitos em expressar sua experiência interna de maneira convencional (OLIVEIRA, 2006).

A arte poderá oferecer um empoderamento, visto que o ato de criar pode fornecer uma sensação de realização e controle sobre a própria vida, além de ser possível desenvolver uma comunicação e conexão de uma forma mais poderosa com os outros. Com as técnicas artísticas é possível oferecer atividades artísticas em grupos e oficinas, o que desenvolve um senso de pertencimento e facilita a expressão e compreensão mútua (OLIVEIRA, 2006).

Segundo Oliveira (2006), a produção artística do sujeito terá o propósito de desviar o olhar da loucura para o admirável, no movimento de se inserir no público, ao sair do anonimato. É de suma importância o olhar que o sujeito tem para sua própria criação, assim como sua significação para poder se tornar público, indo além do olhar do Outro.

A escrita será objeto de uma longa análise durante o desenvolvimento da teoria psicanalítica, principalmente quando é abordado o conceito de trauma em contexto de pós-guerra (Seligmann-Silva, 2002). Durante esse período, a relação entre o inconsciente e o que é aparente é explorada, destacando as formas pelas quais o inconsciente se manifesta subjetivamente, sem que o próprio sujeito perceba. No entanto, essas manifestações podem ser analisadas e utilizadas clinicamente. Sendo assim, é importante destacar alguns conceitos desse período que são importantes para entender como a escrita irá dar oportunidades de acesso do inconsciente e uma melhora no quadro clínico.

Seligmann-Silva (2002) conta como esse contexto de pós-guerra se relaciona com nossa experiência psíquica: o trauma se faz como conceito central da psicanálise e não há como dizer que o trauma não estará presente de antemão na literatura. Ele, nas palavras do autor, "[...] penetra no nosso presente tanto quanto serve de cimento para o nosso passado" (Seligmann-Silva, 2002, p.137). O mesmo autor citará então o decorrer histórico das pesquisas com estes soldados, citando traços comuns entre eles, como a fixação no momento do acidente traumático. Freud descrevera, em relação ao sistema cerebral e consciente, que no acontecimento do trauma os processos de excitação deixam em outros sistemas marcas duradouras, que não se tornará consciente as marcas, se tornam mais fortes e duradouros quando não se chega à consciência. Assim é citado Fenichel (1937), que falará do trauma como parte do desenvolvimento humano, citando a angústia primária e secundária. Para ele:

Quanto mais energia psíquica é aplicada para controlar recalques passados, tanto menos o ego pode conectar quantidades de excitação e tanto mais facilmente ele se expõe a traumatismos. Na situação de desamparo o ego regride a um modo primitivo, passivo-receptivo de lidar com a realidade. (Bohleber, 2000, p. 801 apud Seligmann-Silva, 2002).

Por fim é percebido, mesmo que com dificuldade, a necessidade dos sobreviventes de contar sobre suas experiências, de modo que conheçam a própria história, conhecendo a nossa verdade enterrada para poder viver a própria vida (Laub, 1995, p.63 apud Seligmann-Silva, 2002). Aqui podemos observar um indício de uma melhora clínica por meio da verbalização, de externalizar aquilo que é interno, que está contido.

De acordo com Seligmann-Silva (2002), o conceito de Real na teoria psicanalítica de Lacan passou a ser explorado em novos contextos, especialmente aqueles em que a população não conseguia assimilar plenamente os horrores e consequências das guerras. O autor destaca que a literatura, ao não reconhecer limites claros, se torna um espaço privilegiado para lidar com o Real, na medida em que ela transcende as fronteiras da racionalidade e da representação simbólica, permitindo a expressão do inexpressável. Essa ausência de limites literários possibilita uma separação do Real, permitindo que a criação artística revele suas marcas.

Nesse sentido, a escrita surge como um mecanismo fundamental para mediar essa relação com o Real, funcionando como uma ponte que fornece estrutura para aquilo que excede o entendimento, criando uma "borda" para o que não pode ser simbolizado ou totalmente compreendido. Assim, a literatura oferece um espaço onde o trauma e o Real podem ser abordados.

Freitas e Bastos (2019) descrevem testemunhas obtidas em uma oficina literária de escrita com pacientes constituídos na psicose, observando soluções que eles apresentaram para lidar com seu mal-estar, implicando na redistribuição da libido ao reinvestir ela a um novo destino, acompanhando as observações que Freud fez na análise do caso Schreber (1995). É observado pelas autoras uma tendência de pacientes de instituições de saúde mental utilizarem a escrita no seu dia a dia, citando o costume de possuírem muitos cadernos, folhas, entre outros. Citando Lacan, as autoras falam sobre como a relação da psicose, por ser peculiar quando se trata de linguagem, também o será quando falamos de escrita, aquilo que transbordaria em forma de delírios poderá ter a escrita como recurso para se manifestar externamente, ela funcionará, dentro de uma dimensão da materialidade, como veículo do gozo, um modo de defesa para lidar com o excesso e construir um lugar no Outro que não será diretamente como objeto. Durante as oficinas mencionadas, laços são criados pela reunião do coletivo de pessoas que possuem relações com a escrita. Os pacientes com o tempo foram se interessando mais, aprofundando as relações com a literatura e criando dinâmicas que mostraram o imenso prazer que obtiveram com essas oficinas. É observado que não será a ficção o objeto valorizado nas suas literaturas, nem o caráter material da letra; a externalização terá mais importância do que a mensagem. As reuniões tiveram muitos resultados positivos, produzindo benefício para o desenvolvimento de diferentes habilidades aos sujeitos presentes e bem-estar.

No entanto, não foi só a produção de textos que gerou esses resultados. Freitas e Bastos (2019) observaram a necessidade daquelas escritas; apesar de não possuírem necessariamente um conteúdo visto pela sociedade como literatura, ainda assim foi importante a escuta das leituras, sem precisar de uma interpretação, como seria esperado na neurose. Ao ajudar nesse processo os pacientes a encontrarem um destino àquilo que escreveram no papel, a coordenadora se tornou secretária do alienado, assim como Lacan consta ser necessário:

Estarmos atentos ao fato de que o saber está do lado do psicótico e podermos ouvir não do lugar de quem sabe, possibilitou à coordenadora ocupar na oficina um lugar de endereçamento esvaziado de saber, ao qual os participantes podem direcionar seus escritos. Desfazem-se de seus papéis cobertos de escrita, deixam-nos sob seus cuidados, dando-lhe trabalho para organizá-los e compartilham seus escritos com os demais participantes da oficina. Assim podem ceder um objeto, ter alguma perda de gozo e algum alívio, o que possibilita que a letra, como lixo, venha a se perder. (Freitas; Bastos, 2002, p. 90)

Essas abordagens terapêuticas confirmam a necessidade de integrar métodos criativos e analíticos no tratamento da psicose, ampliando as possibilidades de intervenção e compreensão do sofrimento psíquico.

Conclusão

Assim, a escrita como arte pode funcionar como uma "borda" ou "função de borda", referindo-se à capacidade de estabelecer limites ou fronteiras entre os diferentes aspectos da experiência psíquica, ajudando a conter ou organizar aquilo que pode ser experimentado como caótico ou ameaçador para o sujeito, ajudando a conter e organizar as experiências psíquicas do sujeito, ao mesmo tempo em que oferece um espaço seguro para a expressão criativa e a exploração simbólica. Portanto, é destacado a importância de uma abordagem holística e individualizada no tratamento psicológico, reconhecendo a singularidade de cada sujeito e adaptando o manejo terapêutico de acordo com suas necessidades e circunstâncias específicas. A psicanálise, com sua ênfase na exploração do inconsciente e na interpretação simbólica, continua a desempenhar um papel vital na compreensão e no tratamento dos distúrbios mentais e emocionais. A investigação de técnicas terapêuticas que utilizam a escrita criativa como recurso terapêutico revelou a importância de uma abordagem criativa e multidisciplinar na prática clínica, destacando a necessidade de integrar diferentes formas de expressão artística no processo terapêutico para promover a saúde mental e o bem-estar dos pacientes.

Referências

AIRES, S. Marcas corporais: gozo e psicose. In: LEITE, N. V. A; AIRES, S.; VERAS, V. (org.). **Linguagem e Gozo**. Campinas: Mercado de Letras, p. 153-169, 2007.

FREUD, S. (1896). **Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa**. Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. v. 3, 1996.

FREUD, S. (1924) **A perda da realidade na Neurose e na Psicose**. Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1923-1924). **Neurose e psicose**. Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. v. 19, p.282, 1996.

FREUD, S. (1894). **As neuropsicoses de defesa**. Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. v.3, 1996.

FREUD, S. (1914). **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. v. 14, 1996.

FREITAS, M. N.; BASTOS, A. A escrita nas psicoses: suas funções e seus destinos em uma oficina literária. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.** São Paulo, v. 22, n. 1, 2019.

GUERRA, A. M. C. **As Psicoses**. (1971). Rio de Janeiro: Zahar, 2010

LACAN, J. **Nomes-do-Pai** (1901-1981). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

LACAN, J. **O Seminário, livro 3: as psicoses**. (1955-1956). Rio de Janeiro: Zahar. 2008.

OLIVEIRA, M. D. A. de. A arte enquanto possível direção do tratamento na clínica da psicose: relato de caso. **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, 2006.

QUINET, A. **Teoria e clínica da psicose** (1951). 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

RIVERA, T. **Arte e Psicanálise**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ROCHEL, H-Ly. H. I. Neurose, psicose, perversão: obras incompletas de Sigmund Freud. **Rev. bras. Psicanál.** São Paulo, v. 52, n. 1, 2018.

SANTOS, T. C.; OLIVEIRA, F. L. G. Teoria e clínica psicanalítica da psicose em Freud e Lacan. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 1, p. 73-82, 2012.

SCHREBER, D. P. **Memórias de um Doente dos Nervos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SELIGMANN-SILVA, M. Literatura e Trauma. **Pró-posições**, Campinas, SP, v.13, n. 3, p. 135-145, 2002.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Univap (Universidade do Vale do Paraíba), instituição à qual agradecemos pelo suporte e estrutura.